

## O semanário “Moscardo”, mosca obsessiva contra a Coca-Cola nos anos 1950-60 – no centenário do nascimento do jornal

Gabrielly de O. Ferreira, Maria Vitória de A. Parrila, Sara O. Folgado<sup>1</sup>  
(Orientador: Prof. Daniel Vieira da Silva<sup>2</sup>)

**Resumo:** O artigo apresenta e analisa o interessante e singular episódio de uma “campanha” de perseguição nos anos 1950-60 contra a Coca-Cola feita pelo semanário *Moscardo* – tradicional periódico paulistano da colônia italiana, fundado e dirigido por Vincenzo Ragnonetti – em comparação com as peças de publicidade do refrigerante nas duas mais importantes revistas da época: “O Cruzeiro” e “Manchete”.

**Palavras Chave:** oposição à Coca-Cola. jornal “Moscardo”. Vincenzo Ragnonetti. publicidade da Coca-Cola nos anos 50 e 60.

**Abstract:** The article presents and analyzes the interesting and unique case of the persecution against Coca-Cola in the 50's and 60's by the weekly *Moscardo* – a traditional periodical of the Italian community of São Paulo, founded and directed by Vincenzo Ragnonetti – in comparison with Coke advertisements in the two most important magazines of the time: “O Cruzeiro” and “Manchete”.

**Keywords:** opposition to Coca-Cola. the weekly “Moscardo”. Vincenzo Ragnonetti. Coke advertisements in the 50's and 60's.

### 1. Introdução

Neste artigo apresentamos e analisamos o curioso episódio de uma “campanha” de perseguição nos anos 1950-60 contra a Coca-Cola, feita pelo semanário “Moscardo” – tradicional periódico paulistano da colônia italiana, fundado e dirigido por Vincenzo Ragnonetti (VR) – em comparação com as peças de publicidade do refrigerante nas duas mais importantes revistas da época: “O Cruzeiro” e “Manchete”. Como não dispomos de elementos para indicar as causas dessa obsessão anti Coca-Cola (gratuita?) por parte do “Moscardo” (e, cabe dizer, de seu diretor Ragnonetti, que mandava no jornal), concentrar-nos-emos na caracterização dos elementos envolvidos no caso: o próprio “Moscardo”, a pitoresca figura do jornalista Ragnonetti e a política de publicidade da Coca naqueles anos.

### 2. O “*Moscardo (Moscone)*”, tradicional jornal da colônia italiana em São Paulo

No final do século 19 e começo do 20, São Paulo recebeu massivas ondas de imigrantes italianos e isso suscitou o surgimento de diversos jornais feitos por e para essa numerosa colônia, redigidos em italiano. Assim, em 1916, a cidade de São Paulo contava com 187540 italianos, 37% de sua população (YANG, 2018), uma maioria se descontarmos outros grupos de imigrantes.

Um importante semanário – crítico e satírico – dessa imprensa da colônia foi o *Moscone*, nascido há cem anos, em 1925, e que em 1941 por exigência governamental passou a ser impresso em português e mudou seu nome para *Moscardo* (que, como *Moscone*, é o aumentativo de “mosca”, o “moscão”).

<sup>1</sup>. Estudantes do 2º EM do Colégio Souza Gouveia.

<sup>2</sup>. Mestre em Educação pela Unifesp. Professor do Colégio Souza Gouveia.

Embora importante na imprensa paulistana, o *Moscone* (*Moscardo*) tem sido pouco estudado em nosso meio acadêmico. Uma exceção é a tese de doutorado de RORATO (2007). Nela, a autora recolhe a distinção de 4 épocas do jornal, segundo seu fundador:

A primeira delas, entre os anos 1925 e 1929, chamou de *Fundação*, período ao qual o semanário foi destinado, particularmente, à divulgação do fascismo entre os imigrantes e descendentes italianos no Brasil, até interromper suas publicações em 1930, devido às constantes ameaças e aos empastelamentos por que passou por ordem dos antifascistas e dos próprios fascistas que o submetiam aos seus desmandos. (...)

A segunda fase foi denominada *Ressurreição*, correspondendo ao período de 1933 a 1938, quando finalmente o semanário pode voltar a circular após as represálias que havia sofrido, graças à ajuda de amigos influentes e poderosos que queriam ver seus interesses novamente defendidos pelo seu periódico.

Essa etapa, assim como a terceira chamada de *“Moscone”* a *“Moscardo”* [palavra que é também da língua portuguesa, com o mesmo significado de aumentativo de mosca – nota dos autores], que correspondia ao período de 1938 a 1941, foi marcada pela transição do idioma italiano ao português, imposta pelo governo Vargas. E a quarta época, intitulada *Renovação*, ocorreu a partir do número 649, de junho de 1941, quando passou a ser impresso somente em língua portuguesa até seus últimos números, no ano de 1961.



O N.º.1 do *Moscone*. “zumbindo (*ronzando*’ zoando) e fazendo piada”

## De “Moscone” a “Moscardo”

Ha varios anos, no âmago da primeira coluna do nosso expediente, lá vinha estampado um De “Moscone” a “Moscardo”. Isto intrigava, varias vezes, os nossos leitores... Mas nós sabemos que estavamos com a razão, porque, conhecedores profundos de todas as evoluções étnicas civilisadoras, tinhamos intuição de perfeitos jornalistas, que, mais um dia, menos um dia, toda a imprensa que se publica sob o Cruzeiro do Sul deveria seguir um só idioma, o oficial, que é o português.

Os fatos dão-nos — como sempre, de resto, aconteceu na nossa longa e arduosa jornada — razão, completa razão.

Todos os jornaes que são estampados em linguas estrangeiras tiveram o prazo, até 31 de julho do corrente ano, de transformarem os seus órgãos de publicação nacional.



Editorial do No. 648 (07-06-1941) anuncia a mudança de nome e já em língua portuguesa

Evidentemente, é nessa quarta época que se situa nossa pesquisa.

### 3. A figura de Ragonetti, fundador do *Moscardo*

Vicente Ragonetti (“Vincenzo” nas edições em italiano) foi um destacado membro da colônia italiana, com enorme influência no jornalismo ítalo-paulista e na vida cultural da cidade em geral. Para comprovar sua importância, basta um fato notável protagonizado por VR: seu papel decisivo na fundação do Palmeiras (então *Palestra Italia*).



Ragonetti e os outros 3 cofundadores do “Palestra”  
<https://x.com/ZeAraujoX/status/1768382539100467252/photo/1>

De fato, foi VR quem conclamou pelo jornal ítalo-paulistano, *Fanfulla*, em 13 de agosto de 1914, a reunião fundacional do Palestra:

(...) Nós temos em São Paulo o clube de futebol dos alemães, dos ingleses, dos portugueses, dos internacionais e mesmo dos católicos e dos protestantes. Porém um clube que seja composto somente de “sportmen” italianos (mesmo nossa colônia aqui sendo grandiosa, ainda não há existe e nem sequer tentou-se realizar (...))

E no dia 26 de agosto de 1914 ocorreu a reunião que fundou o Palestra e elegeu VR Diretor Esportivo (Sociedade Esportiva Palmeiras, 2024). Um relato da reunião fundacional feito pelo próprio VR é apresentado pela torcida Mancha Verde (Mancha Verde, 2020).

### 4. A obsessão do *Moscardo* contra a Coca-Cola

Pela razão que for, o *Moscardo*, a partir de 1950 investe “gratuitamente” contra a Coca Cola (abrev. CC), atribuindo-lhe todos os males.

A primeira invectiva contra a CC deu-se em 31 de julho de 1950, quando editorial do *Moscardo* celebra entusiasticamente a recomendação de proibição do refrigerante por parte da Comissão de Bebidas da França: “Quanto nos ufanamos, nós do ‘Moscardo’, com essa recomendação da Comissão. O ‘Moscardo’ estava com a razão” (não localizamos ataque do jornal à CC anterior a esta data, talvez presente em número que não consta no acervo da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional, de que nos valem para esta pesquisa).

Nessa mesma edição de 31-7-50, começa também a longa série de críticas debochadas – que vai se estender até 1961 – sobretudo em caricaturas, sem fundamentação, mas simplesmente apontando supostos malefícios do consumo de CC. Nessa data, uma caricatura atribui a reação americana na guerra da Coreia ao fato de as tropas terem parado de consumir CC!

Na edição de 3-2-1951, numa caricatura de uma festa, a legenda diz que ali não se serve CC, porque ninguém quer ter o fim da Carmem Vivaldi.

Após árdua pesquisa, encontramos o caso de Carmem Vivaldi, que morreu intoxicada por um refrigerante que estava “com gosto estranho” (“Diário Carioca”, 14-2-1951).

Em 17-2-1951, o cavalo perdeu a corrida porque o jóquei tinha tomado uma CC. Em 10-5-1951, em caricatura, a menina “fica sempre mais idiota” graças a uma CC diária. Em 14-7-1951, noticiando que cadetes foram expulsos de West Point por “cola”, comenta que até aí se nota “a nefasta influência da coca **cola** [grifo nosso]”. Em 15-9-1951, uma caricatura ridiculariza a volumosa e desqualificada publicidade da CC.

Em 5-01-1952, começa uma das mais repetidas acusações do *Moscardo*: a de que a CC causaria impotência: a esposa viaja de férias e recomenda ao marido muita CC... Em 26-01-1952:





(Moscardo, 25-07-1953)



(Moscardo, 22-08-1953)

Em 26-09-1953, um par de caricaturas com um tipo efeminado: “Nem parece homem (...) Desde que ele só toma Coca Cola ficou assim...”.

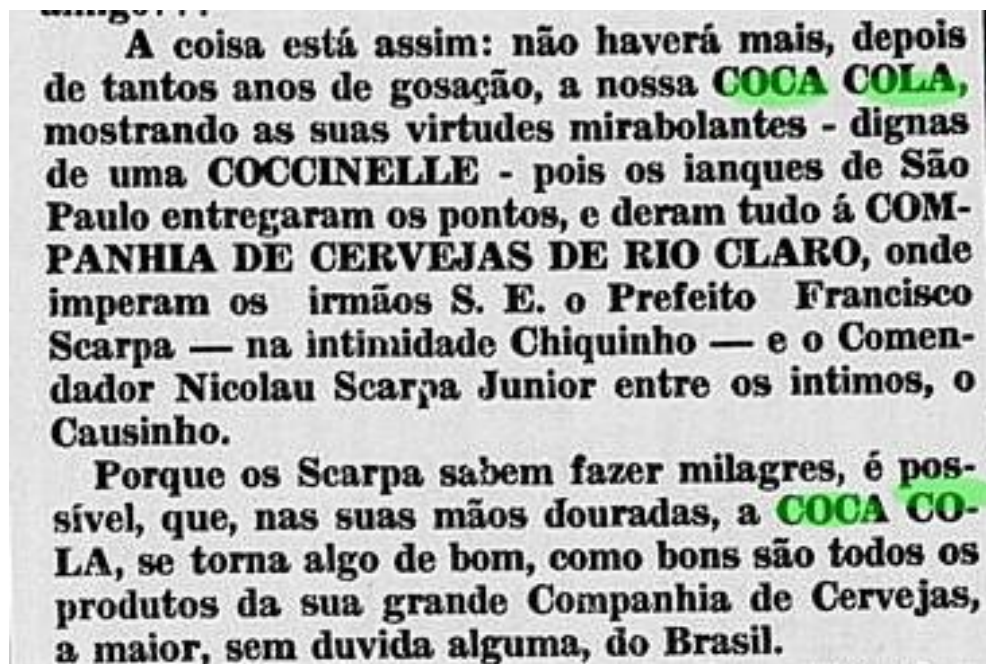
A acusação de causadora de impotência vai exclusivizar as críticas a partir de 30-1-1954, o “tomador de CC” rejeita os desejos da acompanhante para ater-se estritamente a um comportado “pic-nic”.

Sem graça e criatividade em 27-2-54 repete-se em caricatura, a acusação de que a CC emascula; o mesmo em 27-3-54; em 30-10-54; 30-11-54; 25-11-58; 25-1-1959.

Em 25-2-59, uma variação da crítica: misturar uísque com CC estraga o uísque e quem bebe.

Em 25-3-59, 25-7-59, 25-8-59, 25-11-59, 25-7-60, 20-11-60, 24-12-60 e na edição No. 1353 de 1961 (sem data impressa) retoma-se a monótona crítica de CC causar impotência.

A perseguição só acaba na edição de 25-03-1961, quando a CC de São Paulo passou dos americanos para os Scarpa, proeminentes membros da colônia italiana paulista e patrocinadores do *Moscardo*...:



**A coisa está assim: não haverá mais, depois de tantos anos de gosação, a nossa COCA COLA, mostrando as suas virtudes mirabolantes - dignas de uma COCCINELLE - pois os ianques de São Paulo entregaram os pontos, e deram tudo à COMPANHIA DE CERVEJAS DE RIO CLARO, onde imperam os irmãos S. E. o Prefeito Francisco Scarpa — na intimidade Chiquinho — e o Comendador Nicolau Scarpa Junior entre os intimos, o Causinho.**

**Porque os Scarpa sabem fazer milagres, é possível, que, nas suas mãos douradas, a COCA COLA, se torna algo de bom, como bons são todos os produtos da sua grande Companhia de Cervejas, a maior, sem duvida alguma, do Brasil.**

##### 5. A publicidade da Coca Cola na década de 1950

As dezenas de invectivas do *Moscardo* contra a CC, de 1950 a 1961, coincidem com a publicidade massiva que a CC fez na década de 1950, sobretudo nas duas principais revistas semanais da época, de imensa penetração: O Cruzeiro e Manchete. Perguntamo-nos se as chacotas do *Moscardo* se pautaram pelas qualidades anunciadas pela CC ou não.

Para isto, assiste-nos a tese de BAMMANN (2016), dedicada tematicamente á publicidade da CC nessa década e nessas revistas. A autora conclui que em 1950-51, a CC enfatiza sua colaboração para com o desenvolvimento do Brasil (“CC emprega o puríssimo açúcar brasileiro”, colabora com “nossa indústria do vidro” e de “rolhas metálicas”, “cria mais empregos” etc.”. Em 1952, muda para garotas bonitas saboreando CC, associando o consumo do refrigerante a momentos de lazer. Em 1953-54, a volta ao compromisso da empresa com o desenvolvimento do Brasil. Em 1955-56, a ênfase está em que a CC é consumida universalmente, nos quatro cantos do mundo. Entre 1957 e 1960, a CC passa a ser associada a agradáveis momentos de lazer e descontração, apresentando especialmente jovens casais em situações descontraídas, geralmente com o slogan: “Sempre em forma com a gostosa Coca-Cola”. (cf. BAMMANN 2016, p. 185 e ss.)



(Manchete, 27-09-1958)

As investidas do *Moscardo* contra a CC parecem ser desconectadas com a publicidade do refrigerante (com a exceção, talvez, da sugestão – referente à campanha de 1957-1960 – de que os jovens casais não passariam da “brochante” CC para algum outro ato mais ousado).

## 6. Considerações finais

Neste artigo, fizemos um percurso pelas cerca de 30 “piadinhas cocacoladas” (como diz o editorial conclusivo de 25-03-1961). Pudemos constatar que a maioria acusa a CC de causar impotência sexual – como contraponto ao slogan principal do refrigerante na época, que afirmava que a CC deixa você “sempre em forma”.

Além disso, a CC seria responsável por causar: burrice, pasmaceira, envenenamento etc.

Não atinamos com a razão pela qual o dono e mentor do *Moscardo*, Vicente Ragnetti manteve por mais de uma década, essa obsessiva aversão para com a CC, uma atitude hoje impensável, pois com a atual cultura de judicialização (inexistente na época) na primeira investida, o jornal seria processado.

Seja como for, trata-se de um caso singular e muito interessante em nossa mídia e que nos permitiu o contato com a imprensa ítalo-paulista e com o importante intelectual Ragnetti, de extraordinária importância também para o futebol, como fundador do Palestra Itália, hoje Palmeiras.

## Referências

BAMMANN, Kellen **Por trás de uma tampinha de coca-cola, um mundo de coisas boas: o *american way of life* nas páginas de O Cruzeiro e Manchete (1950-1959)**. 2016. 203p. Tese de doutorado–PUC-RS (Porto Alegre).

FANFULLA, Jornal. A carta para fundação. 1914. In: Museu do Futebol. Disponível em: <https://app.museudofutebol.org.br/roteiro-do-palmeiras/c/0/i/16010507/carta-para-fundacao>. Acesso em: 15.05.2024.

Mancha Verde. por Vincenzo Ragnetti, um dos fundadores da Società Sportiva Palestra Italia, em 1968. Mancha Verde Rio Claro. 2020. Disponível em: [https://www.facebook.com/ManchaVerdeRioClaro/posts/por-vicenzo-ragnetti-um-dos-fundadores-da-societ%C3%A1-sportiva-palestra-italia-em-2692722570983398/?locale=ar\\_AR](https://www.facebook.com/ManchaVerdeRioClaro/posts/por-vicenzo-ragnetti-um-dos-fundadores-da-societ%C3%A1-sportiva-palestra-italia-em-2692722570983398/?locale=ar_AR). Acesso em: 16.05.2024.

RORATO, Márcia ***Il Moscone (1925-1961), 36 anos ‘ronzando e scherzando’ com a colônia italiana de São Paulo***. 2007. 390p. Tese de doutorado – Unesp (Assis).

Sociedade Esportiva Palmeiras. Fundação do Palestra Itália e primeiro título 1914-1920. Palmeiras. 2024. Disponível em: <https://www.palmeiras.com.br/linha-do-tempo/1914-1920-fundacao-do-palestra-italia-e-primeiro-titulo/>. Acesso em: 14.05.2024.

YANG, Leonardo Y. **A região Sudeste e a Doutrina de Segurança Nacional: uma reinterpretação simbólica**. 2018. 88 p. Monografia – Universidade de São Paulo (Piracicaba).

Recebido para publicação em 07-08-24; aceito em 29-08-24